



## Aprendiz de feiticeiro<sup>1</sup>

*Sorcerer's apprentice*

*Aprendiz de hechicero*

Rafael Haddock-Lobo<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

## Ô abre a roda<sup>3</sup>

Boa noite a todas e todos, é uma honra estar aqui, ainda que infelizmente de modo virtual. Aguardava há cerca de dois anos esse momento de estar aqui entre vocês, em Pinheiro.

Fico sempre constrangido de falar depois de minha amiga e mestra Dirce Solis que, mesmo não tendo me gestado em seu útero filosófico, me nutre com seus seios iemanjáicos e me envolve com seus cabelos tentaculares e derridianos.

Queria, portanto, escrever um texto que estivesse à altura desse momento: de estar ao lado de, diante de e com vocês. Por isso, tentei fazer uma apresentação em que me colocasse ao máximo, me expusesse radicalmente, numa espécie de auto anamnese pública, parafraseando o “Monolingüismo do Outro” de Derrida (DERRIDA, 2016), através do que

---

<sup>1</sup> Esse texto resulta de uma conferência apresentada na mesa de abertura da VIII Jornada Interdisciplinar de Filosofia – Filosofia, cultura e interdisciplinaridade, da Universidade Federal do Maranhão, Campus Pinheiro. Agradeço à professora e amiga Dirce Eleonora Nigro Solis, com quem tive a honra de dividir a mesa, e aos queridos amigos e amigas da UFMA, Flávio Luiz de Castro Freitas, Franciele dos Santos, Domingos Mendes Junior, Diogo Corrêa e Wesley Fernandes. Para me manter fiel à atmosfera de celebração do evento, o artigo permanece como foi apresentado, em sua quase totalidade. Peço aos leitores que acompanhem o texto ouvindo as músicas que o compõem e que são indicadas nas notas de rodapé.

<sup>2</sup> Filósofo e professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde coordena o Laboratório X de Encruzilhadas Filosóficas, do Programa de Pós-Graduação Interinstitucional de Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (PPGBIOS) e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGFIL-UERJ). É autor e coautor de diversos livros dedicados a temas contemporâneos, desconstrução e, mais recentemente, crítica da colonialidade, entre eles “Da existência ao infinito” (2005), “Derrida e o labirinto de inscrições” (2008), “Para um pensamento úmido” (2011), “Experiências abissais” (2019), “Os fantasmas da colônia” (2020) e “Arruaças: uma filosofia popular brasileira” (2020). <https://orcid.org/0000-0002-3983-7313>. Endereço eletrônico: [outramente@yahoo.com](mailto:outramente@yahoo.com)

<sup>3</sup> Referência ao ponto cantado de Maria Padilha: <https://www.youtube.com/watch?v=gFczFD-XIvw>



ando chamando de filosofia popular brasileira<sup>4</sup>, aqui, especialmente em seu movimento de uma gira macumbística<sup>5</sup>.

Meu texto se chama “Aprendiz de feiticeiro” e narra certos encontros conceituais e musicais que se dão no momento de escrita do livro “Arruaças: uma filosofia popular brasileira”, em parceria com Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino (SIMAS, RUFINO e HADDOCK-LOBO, 2020). O texto é composto de aforismos escritos e musicados e pretende, apenas, transitar ao redor de certos termos importantes que, como pontos, riscados ou cantados, precisam ser firmados.

#### 1. Festa na encruza<sup>6</sup>

Gostaria de começar apresentando uma composição do grande maestro Leandro Braga, chamada “Festa na encruza”. A música foi composta ao longo das leituras de meus textos no Arruaças e me honra com o olhar sobre a musicalidade de minha escrita.

“Festa” e “encruzilhada” são, de fato, dois termos muito presentes em minha escrita e que, acredito eu, representam bem como eu compreendo filosofia, sempre com e a partir de Derrida. E é nesse sentido que esse texto trará algumas breves e elípticas reflexões sobre termos como “macumba”, “gira”, “cruzo” e “descarrego”.

Contudo, queria antecipar, como quem caminha com as mãos à frente do corpo, diria Derrida em “Memórias de cego”, que tudo o que falo hoje faz parte de uma proposta de ressignificação filosófica política daquilo que é desencantado pela racionalidade moderna. Para isso, trago duas fotografias do grande Wilton Montenegro<sup>7</sup>.

Wilton, quando me mandou essas duas fotografias, me disse que não gostava delas, que foram tiradas às pressas, no meio da rua, entre um carro e outro passando. Talvez seja

<sup>4</sup> Sobre isso, remeto a meu texto “Por que filosofia popular brasileira?”, na minha coluna na HH Magazine: <https://hhmagazine.com.br/por-que-filosofia-popular-brasileira/>

<sup>5</sup> Sobre isso, remeto a meu texto “Correndo gira”, na minha coluna na HH Magazine: <https://hhmagazine.com.br/correndo-gira/>

<sup>6</sup> Leandro Braga, “Festa na encruza”: [https://www.instagram.com/tv/CULjN-GJx5e/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/tv/CULjN-GJx5e/?utm_source=ig_web_copy_link)

<sup>7</sup> As duas fotografias que se seguem foram enviadas para mim por e-mail pelo grande fotógrafo Wilton Montenegro.

isso que eu mais goste nelas: retratam uma cena aparentemente comum quando passamos pelas esquinas do Rio de Janeiro. Vemos os cacos das oferendas, destruídos por aqueles que encampam a frase “chuta, que é macumba”.



É isso. Para muitos, sem ao certo saberem o que é “macumba”, sabem que é algo a ser chutado. É nesse sentido que gosto de pensar a macumba em dois sentidos: em primeiro lugar como a performance do queer que Butler propõe em “Problemas de gênero”, em que aquilo que é tido por abjeto, dentro de uma certa comunidade, ganha uma aceção positiva e performatiza uma certa identidade precária, afinal, todo macumbeiro, ainda que não goste de ser chamado de tal, não vê problema nenhum em falar que está “indo pra macumba”; mas também, como quando Preciado, em “Multidões queer”, vai dizer que o queer não apenas se restringe às dissidências de sexo e de gênero, quero pensar o termo “macumba” como um grande balaio conceitual em que caibam todos os corpos e saberes que o Espírito colonial acha que estão à disposição do chute: religiões de matrizes afro-brasileiras, sambas, jongs,

capoeiras, práticas xamânicas, esportes de rua, bailes funk, jogo do bicho, puteiros clandestinos, esquinas de prostituição, enfim, tudo isso e muito mais.



Outra coisa que gostaria de sublinhar é que, quando Wilton Montenegro me enviou essas duas fotos, me contou que elas foram tiradas na encruzilhada em frente à Colônia Juliano Moreira, instituição psiquiátrica Colônia Juliano Moreira, famosa instituição psiquiátrica na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Wilton conta que, segundo o crítico Marcelo Campos, o artista Arthur Bispo do Rosario costumava pegar restos de oferendas, nessa mesma encruzilhada, para incorporá-los à sua obra.

O encontro sagrado de caminhos em que Exu habita, sendo que ele próprio é Enugbarijó, a boca que tudo come, alimentava a boca de Bispo e, aqui, alimenta a boca de Wilton e nos mostra que, na encruzilhada, na Festa na Encruza, como Leandro regurgita depois de me comer, esses restos, cacos, estilhaços de desrespeito, podem ser reencantados e devolvidos ao mundo como pedrinhas miudinhas de Aruanda, me servindo aqui do termo tão bem firmado por Simas (SIMAS 2013).



Se, como rolo compressor, o Espírito colonial, sempre em maiúsculas como bem ensinou Hegel, se dedicou arduamente a esmigalhar saberes e corpos dos povos colonizados, através do desencantamento, do epistemicídio, dos genocídios, estupros e da escravização, Bispo, Wilton, Leandro, quando catam esses pedacinhos e os transformam em arte, eles reencanta o que foi desencantado e nos mostram aquilo que talvez seja a tarefa urgente do filósofo: a necessidade de enfrentar o desencantamento e mostrar que ainda há muito encanto por essas terras ao sul do mundo; mas não apenas, devemos, além de mostrar os encantos que resistem ao empreendimento colonial, lutar pelo reencanto daquilo que foi desencantado. Esse texto, portanto, é uma espécie de arma contracolonial, (nos termos de outro Bispo, Antônio Bispo dos Santos, ou Nêgo Bispo), que urge de uma contrametodologia que seja algo como um encanto, um feitiço, pois, como ensinam Simas e Rufino (SIMAS e RUFINO, 2018, p. 106), o campo de mandinga é também campo de batalha.

De acordo com uma breve e pontual definição de macumba, que encontramos tanto em Nei Lopes (LOPES, 2012) como em Simas e Rufino (SIMAS e RUFINO, 2018, p. 5), o termo seria composto pelo prefixo ma, que forma o plural no idioma quicongo, e o substantivo kumba, que quer dizer feiticeiro. Mesmo sendo um termo em disputa, com lindas e potentes possibilidade de traduções de diversos idiomas bantos, eu acredito que pensar a macumba como uma reunião de feiticeiros me encanta muito: tanto pelo feitiço, que é pensado como o encantamento pela palavra, como pela necessidade de ser um trabalho plural. Macumba seria, então, um trabalho da, pela e na palavra que se faz coletivamente.

Na definição brincante de Simas e Rufino, em Fogo no mato, “macumba seria, então, a terra dos poetas do feitiço” e o macumbeiro seria aquele “que subverte sentidos preconceituosos atribuídos de todos os lados ao termo repudiado e admite as impurezas, contradições e rasuras como fundantes de uma maneira encantada de se encarar e ler o mundo no alargamento das gramáticas” (SIMAS e RUFINO, 2018, p. 05).

Porém, fica a questão: como me tornei um macumbeiro, nesse sentido firmado por Simas e Rufino? Talvez seja este o aprendizado de uma vida: com o feiticeiro Jacques Derrida, Magrebino Velho ou Caboclo do Mediterrâneo, que me obrigava sempre a repensar os estilos (sempre plurais) da escrita filosófica; com Paul B. Preciado, filósofo metá metá que se auto-encanta com Testogel; com o Axogun Marcelo Moraes, que corta para alimentar meus



textos e que me obriga a andar pelos becos e sob as marquises da filosofia<sup>8</sup>; e com Simas e Rufino, dupla que convoca para a arruaça.

Contudo, todo esse texto é marcado por uma outra escrita, essa mais recente, que começa quando me lembro da razão pela qual eu quis fazer filosofia: queria ser escritor. Naquele momento, poesia, filosofia, letra de música, romance, tudo me interessava e o que eu mais gostava era pensar no jogo da escrita. E foi num dia, em abril desse ano, que escrevi um poema, cerca de trinta anos depois de acreditar não ter mãos para esse tipo de encanto.

Mandei o poema para Simas e ele me devolveu isso:

## 2. No dia que eu batizei<sup>9</sup>

No dia que eu batizei, Pai Joaquim mandou chamar  
os ventos de eparrei, as ondas de odoiá  
e quando eu mal cheguei, Caboclinha mandou pisar  
nas folhas que eu catei nas matas do Juremá

foi quando eu vi o rei, lindo com seu cocar  
Pena Verde salvei, no pé do seu congá

sete flechas, sete lanças, sete encruzas, sete espadas  
Boiadeiro vem com a dança, chamando a marujada  
Preto Velho mandingueiro vem de Minas, vem de Angola  
foi chamar o Marinheiro que chegou com sua viola

eu ouvia gargalhada e assobio  
um alto brado me chamando de seu fio  
não sabia nem se estava acordado  
no dia que eu batizei, meu ponto tava riscado

no dia que eu batizei, Padilha mandou buscar  
os lírios de ora iê iê, e as pororocas de Obá  
os arcos de Oxumarê e as íris de mãe Euá,  
Ó mãe Nanã Buruquê, traz os panos de epa babá

na tronqueira deitei, vi o toco queimar  
Seu Tranca saravei, com marafo ao luar

<sup>8</sup> Referência ao texto “Becos, ruas, marquises e esquinas” (BORGES-ROSÁRIO, MORAES e HADDOCK-LOBO, 2020).

<sup>9</sup> Luiz Antonio Simas e Rafael Haddock-Lobo, “No dia que eu batizei”: [https://www.instagram.com/tv/COtgjmNpLSe/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/tv/COtgjmNpLSe/?utm_source=ig_web_copy_link)



pedacinhos de Mulambo, de farrapos e cruzeiros  
cadeados de madeira, peneiras de garimpeiros  
salve o sino da igrejinha, feitiço da juremeira  
Salve a lua, salve a estrela, e eu deitado em minha esteira

Ciganinha, com seu canto eu chorei  
me levanta, ao meu lado, Ogum de lei  
nessa hora eu dormi ou acordei,  
meu ponto tava riscado, no dia que eu batizei  
meu ponto tava riscado, no dia que eu batizei

Essa devolução de minhas palavras musicadas inicia uma aprendizagem, talvez a mais difícil e prazerosa, que venho tendo com mestre Simas, que me exige a conexão não apenas de filosofia e poesia, como já vinha ensaiando em meus textos, mas também da música, a musicalidade da palavra, o som das letras e o ritmo das sílabas.

Digo isso porque, em um desses dias que a responsabilidade do encantamento bate à sua porta, ao contrário de musicar minhas palavras, acordo com uma melodia em meu celular, com uma mensagem de Simas pedindo por minhas palavras. Se eu nunca tinha imaginado que minhas palavras virassem melodia, maior ainda a surpresa de uma melodia vir a chamar minhas palavras. Mais ainda: se na nossa primeira composição em parceria, “No dia que eu batizei”, eu tentava juntar meus caquinhos, entre sonho e realidade, e habitar o que há de poético no encantamento das macumbas, o pedido de Simas me chamava para antes ainda de minha relação com a Umbanda.

Fábio Borges-Rosário, em uma de nossas longas conversas no Coreto da UERJ, depois das aulas de Dirce, em que ficávamos até anoitecer, quando já era hora de ir para o bar, me chamou a atenção de que haveriam apenas dois tipos de religião: as que aceitam que falamos com os mortos e as que dizem que isso não é possível. Naquele momento, pensei que, do mesmo modo, existem dois tipos de filosofia, e que elas comportam a mesma definição<sup>10</sup>.

Foi quando me dei conta que, antes mesmo de ler Derrida, antes mesmo de conhecer a filosofia, a poesia ou a literatura, meu aprendizado foi com a macumba e, talvez, não tenha sido a desconstrução que me fez me reconectar com algo que me constitui, mas, antes, foi a macumba que me abriu a uma experiência tão radical com relação à alteridade que apenas

---

<sup>10</sup> Essa conversa é uma das maiores inspirações para a escrita de meu último livro “Os fantasmas da colônia – notas de desconstrução e filosofia popular brasileira” (HADDOCK-LOBO, 2020).



uma filosofia como a de Derrida poderia vir a fazer sentido para mim. Antes de Derrida, a macumba; assim como, antes da Umbanda, a Pomba-gira de Maceió.

Em um pequeno texto do Arruaças<sup>11</sup>, talvez o que eu mais goste, eu conto sobre minha primeira conversa com os espíritos, quando, com dez ou onze anos, minha mãe deixava de ser ela e “virava” uma moça. Era a tal moça que queria dançar e que não encontrava lugar para isso, pois, aqui em casa, minha discografia pré-adolescente não lhe agradava, depois, em um centro espírita kardecista, ela também foi proibida de dançar. Até o momento em que ela encontra um lindo salão, com moças de saias rodopiantes, liderado por uma bailarina, ou cafetina, Maria Padilha. E foi nesse momento apenas, em que sua saia girou, que soube seu nome: Dona Maceió.

E foi, talvez por saber da importância desse acontecimento – eu grifo a palavra – em minha vida, que Simas me endereça a melodia que me chamava para a escrita.

### 3. A saga de Dona Maceió<sup>12</sup>

Quando era pequenina foi levada pra Maceió  
Nas costas, todo o sertão, fazenda de Cabrobó  
Sua mãe sempre dizia quem dança não anda só

Lá na areia, nas águas do Jequiá  
Padrinho não quer deixar a moça linda dançar  
Se aperreia, resolve sair de lá  
Pra dar com os burros n'água nas ruas de Jaraguá  
Com um rosa vermelha, dançava só pra deitar

Quando ela ganha barriga, deixa a vida de Maceió  
Atrás de um perna de calça, vem pro Rio de Janeiro  
Balanceando a canoa do malandro juremeiro

Lá na Lapa, no mangue, no cais, no bar  
Diz ela que sua sina só se destina a girar  
Roda a saia, gira a vida, então deixa ela girar  
Roda a saia, gira a vida, que ela dança girando só

Quando ela se encantou, foi dançar lá em Maceió  
Quando ela se encantou, foi dançar lá em Maceió

<sup>11</sup> Haddock-Lobo, Rafael. “Deixa a moça dançar” (SIMAS, RUFINO e HADDOCK-LOBO, 2020).

<sup>12</sup> Luiz Antonio Simas e Rafael Haddock-Lobo, “A saga de Dona Maceió”: [https://www.instagram.com/tv/CPaOrtcpSgj/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/tv/CPaOrtcpSgj/?utm_source=ig_web_copy_link)



Onde é que dança a Pombagira? Ela dança em Maceió  
Onde é que mora a Pombagira? Ela mora em Maceió  
Auê, auê  
Auê, auê

A música, que vai até onde o texto não vai, me leva para além das conversas com a moça, que me falava da fazenda de sua infância, de sua vida, e me conta sua saga, seu encantamento, seu pombagiar.

Em diversos textos mais recentes, tenho tentado pensar as diversas dimensões do termo “gira”: desde seu uso ao invés do termo “giro”, em que proponho a “gira macumbística”, ou seja, não apenas uma reviravolta ou virada, mas um certo rodopio que envolve música, corpo, ritmo e festa, até a potência do feminino nas macumbas brasileiras (presentes em quase todos os meus textos de Arruaças, com Maria Navalha, Maria Mulambo, Dona Maceió, as Polacas do Mangue, Madame Satã e Joãozinho da Gomeia)<sup>13</sup>.

Pensar a gira é, portanto, pensar em uma coletividade que se reúne para produzir encantamento, aprendendo com aqueles que podem ser, como nos ensina Derrida, os únicos mestres, os espíritos, no plural. A gira que tem como tarefa a invocação dos espectros (DERRIDA, 1994), o despacho do carrego colonial (SIMAS e RUFINO, 2019) e o padilhamento dos corpos (SIMAS e RUFINO, 2018).

É nesse sentido que me sirvo com muita vontade de algumas das possíveis traduções do termo “gira” propostas por Nei Lopes no Dicionário Banto do Brasil. Tanto sua possível origem no termo Umbundo “chila (tjila)”, que significa “dançar”, como o termo Bundo “ndjila”, que significa “meio, método, processo” são maravilhosos para pensarmos as tarefas de uma filosofia macumbada.

Mas, para isso, sempre gosto de lembrar, é preciso lembrar que a gira sempre já começou e que a gente precisa aprender a entrar na gira e, como nos ensinam “Os Tincões”, nossa tarefa é “deixar a gira girar”<sup>14</sup>, diante do empreendimento de especialistas acadêmicos, quimbas ou obsessores filosóficos que apenas querem que a gira pare de girar.

---

13 Sobre isso, recomendo meu texto “Os gêneros das ruas”, em minha coluna na HH Magazine (<https://hhmagazine.com.br/os-generos-das-ruas/>) e meu texto “Maria Navalha e a Filosofia Popular Brasileira: um ‘trabalho’ de campo”, na Revista Calundu (<https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/34990>).

14 Os Tincões, “Deixa a gira girar”: <https://www.youtube.com/watch?v=ImZpxRRMeP8>



Porque se, como ensina Derrida, o filósofo da desconstrução, para conseguir enxergar as contradições no coração dos conceitos, precisa saber, reconhecer que ele tem seu coração partido, que ele carrega a partição em seu próprio coração, que é isso que lhe constitui, os filósofos macumbeiros são aqueles que quando passam na encruzilhada não esquecem de olhar para trás<sup>15</sup>.

Diferente de Édipo que, com seus pés inchados, não consegue passar pela encruza sem arrumar treta porque ninguém lhe avisou pra pisar no chão devagarinho, os filósofos macumbados e macumbantes saúdam os cruzos (SIMAS e RUFINO, 2018), a anterioridade da ancestralidade, assumem as suas heranças e conversam com os espectros.

Ser-no cruzo, ontologias cruzadas, encruzologias, são aquilo que propiciam o próprio pensamento, vejam, por exemplo, os lugares privilegiados em que as filosofias têm seu suposto início: Grécia, Egito, China, Índia – todos esses lugares têm como potência serem lugares de cruzamentos, encontros, esbarrões de corpos e de pensamentos. No caso especial da Grécia, por exemplo, sempre gosto de lembrar que, a filosofia grega nasce nas periferias, precisamente na encruzilhada entre ocidente e oriente, nas margens de Mileto e Éfeso. Filosofia é cruzo, e negar isso, em nome das filosofias puras, é apagar justamente aquilo que provoca o pensamento filosófico.

Daí a lindeza, para mim, dos saberes absurdamente impuros das culturas populares, como as macumbas, os carnavais, as festas de São João, e muitos outros. Os cruzos são, nesse sentido, o que potencializa aquilo que que provoca o pensar: como aquele sim, sim ao qual Derrida se refere. O sim inicial, o primeiro sim, que diz respeito à alteridade radical, à vinda do outro, é o que mostra que não há vida, não há pensamento, não há corpo, sem cruzo. O segundo sim, aquele que diz respeito à hospitalidade incondicional, ao acolhimento do outro, o dizer sim ai sim, é o que nos move a buscar ainda mais promover os cruzos, nos abrir aos esbarrões e, como dizia minha falecida mãe de Santo, Dona Concheta Perroni, deixar vir quem tem que vir.

<sup>15</sup> Referência ao ponto de Tranca Rua: <https://www.youtube.com/watch?v=0xOvfY4mmRc>



E foi nesse espírito de cruzar e provocar cruzos que, quando Simas me enviou a melodia de um Ijexá, escrevi essa letra em que Candomblés, Umbandas e as Festas Juninas, com ecos e sonoridades de diferentes Áfricas, Europas e Américas.

#### 4. **Ijexá do carneirinho**<sup>16</sup>

Alavantu! É São João no afoxé!  
Baru, Obacossô, Baba Obalubé,  
Otrifuá! Xangô Kaô no balancê  
São Pedro e Santo Antônio, o ará e o oxê

Anarriê! Manda Afonjá  
Kabiecilê! João no ijexá  
No mungunzá o coco vai ferver  
Lá na pedreira água vai rolar

Vem Alafim, na mão obi e orobô  
Lá na zabumba tem ogã de Agodô  
Seu Ibonã pula fogueira com Iaiá  
E tata Zazi fez tambor pra embalar

Kabiecilê! João no ijexá  
Anarriê! Chamou Airá  
Pro Amalá azeite ou dendê  
Na cachoeira pedra vai rolar

Seu Alufã que tem no colo o carneirinho,  
Ao lado de Aganju, menino xangozinho  
E São José choveu no milho do caboclo  
Sanfona e quantão pra seu Arranca Toco

Anarriê! No Jacutá  
Kabiecilê! João no ijexá  
Trovão zoou, a terra vai tremer  
Sete pedreiras vem pro arraiaá

Os alavantús e anarriês de sotaques de um francês caipirado, se encontram com iorubás, bantus, santos católicos e caboclos nas ladeiras que se cruzam, em que cortejos de orixá, procissão de santos, quadrilhas juninas, toques de candomblé, gira de caboclos se encontram e festejam esse encontro.

---

<sup>16</sup> Luiz Antonio Simas e Rafael Haddock-Lobo, “Ijexá do carneirinho”:  
[https://www.instagram.com/tv/CP1HqcoJu9I/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/tv/CP1HqcoJu9I/?utm_source=ig_web_copy_link)



Foi nesse sentido que meu laboratório de pesquisa, que se chamava Khora - laboratório de filosofias da alteridade, foi rebatizado como X – laboratório de encruzilhadas filosóficas. A khora, isso que é feminino, que é o lugar sem lugar determinado, que é errância coreográfica, ao contrário do topos, passa a ser pensado como o “x”, que significa muito para mim, de Nietzsche, Clarice e Derrida, e o termo “alteridade” dá lugar ao termo “encruzilhada”.

Alteridade radical, acolhimento, hospitalidade incondicional, tudo isso supõe, na vinda do outro, o esbarrão na encruza. Esbarrão esse que pode ser chamado de acontecimento e no qual cada um sai com um pouco do outro. Mas, para isso, é preciso querer esbarrar, ao contrário daquela mitologia branca que Derrida denuncia desde sua encruzilhada que é a desconstrução.

Estamos na encruza, em festa, com nossos corpos abertos ao esbarrão, nessa gira que é dança, é música, é encantamento – um termo que ainda tratarei com mais cuidado daqui para frente. Mas uma festa que não é só de alegria. Uma festa na encruza com diferentes afetos envolvidos, como o ódio, o ressentimento, e, também, a alegria. Esse cruzamento de sentimentos, que emanam dos corpos que se encontram por debaixo dos rolos compressores da colonialidade do Estado, da Universidade.

Contra isso, precisamos chamar as ruas, tanto no sentido de trazer as ruas para nossas universidades como levar nossas aulas para as ruas, num duplo movimento que desconstrua os muros que a colonialidade ergueu.

Aos pés desses muros, botemos nossos padês em oferendas, invocando as sete encruzilhadas para que esse ebó acadêmico nos ajude no descarrego da filosofia universitária.

Por isso, gostaria de encerrar com um xote que fizemos, eu e Simas, em homenagem àquele que é o Rei das encruzas.



## Xote de subida<sup>17</sup>

Seu Sete Encruza num sonho falou comigo  
Na hora grande vai chamar o seu amigo  
Traz o meu copo, meu whisky e acende um toco  
então eu chego, mais vivo que muito morto

O meu segredo eu preciso te contar  
Entra na gira para deixar gira girar  
É sete, é sete, todo exu só conta sete  
É sete, é sete, todo exu só conta sete

E ele veio, me cobriu com sua capa  
E só quem sabe que dela ninguém escapa  
Com dois charutos, ele tem duas cabeças  
O nosso tempo vai até que amanheça

Segura a pomba, toma um gole e não tem medo  
Que mais um pouco eu te conto meu segredo  
É sete, é sete, todo exu só conta sete  
É sete, é sete, todo exu só conta sete

Lá na porteira, eu deixei meu sentinela  
Seu Tranca Rua toma conta da cancela  
Maria Padilha, mulher de sete maridos  
A sua saia, quando roda é um perigo

Dona Navalha engole até o que não come  
Tata Mulambo, mais mulher que muito ômi  
É sete, é sete, todo exu só conta sete  
É sete, é sete, todo exu só conta sete

Seu Marabô, na esquina ele é dotô  
Tata Caveira vem com a mosca varejeira  
Exu do Lodo faz o corpo tremer todo  
De Maceió, pombagira não tem dó

Sete Cruzeiros acendeu seu fogareiro  
Exu mangueira, na folha da bananeira  
É sete, é sete, todo exu só conta sete  
É sete, é sete, todo exu só conta sete

Dona Cigana dá um nó na caninana  
No Cabaré, não mata porque não quer  
Seu Tiriri, na porta de cemitério  
Exu veludo, seu cabrito deu um berro

Seu Zé Pelintra, junto com seu Zé Pretinho  
E Exu mirim são os donos do caminho

---

<sup>17</sup> Luiz Antonio Simas e Rafael Haddock-Lobo, “Sete no xote”, aqui na versão da Banda Ancestre: [https://www.instagram.com/tv/CPtYeZIHOGe/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/tv/CPtYeZIHOGe/?utm_source=ig_web_copy_link)



É sete, é sete, todo exu só conta sete  
É sete, é sete, todo exu só conta sete

Isso é segredo, mais que isso eu não conto  
Um gole, um trago, que já firmei meu ponto  
Deu boa noite e já era madrugada  
Me deu abraço, salve as Sete Encruzilhadas

O galo canta, ele diz que já é hora  
Seu sete encruza se despede e vai embora  
Seu sete encruza se despede e vai embora  
Seu sete encruza se despede e vai embora

Conferência  
Conferência



## Referências

BORGES-ROSÁRIO, Fabio. “Nas encruzilhadas com Derrida”. *In*: BORGES-ROSÁRIO, Fabio, MORAES, Marcelo José Derzi, e HADDOCK-LOBO, Rafael. **Encruzilhadas filosóficas**. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2020.

DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

DERRIDA, Jacques. **O Monolinguismo do Outro - ou a Prótese da Origem**. Belo Horizonte: Chão da feira, 2016.

HADDOCK-LOBO, Rafael. **Filosofia popular brasileira**. HH Magazine, Humanidades em Rede: <https://hhmagazine.com.br/category/colunas/filosofia-popular-brasileira/>

HADDOCK-LOBO, Rafael. Maria Navalha e a Filosofia Popular Brasileira: um “trabalho” de campo. **Revista Calundu**, 4(2), 21. <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v4i2.34990>

HADDOCK-LOBO, Rafael. **Os fantasmas da colônia**. Notas de desconstrução e filosofia popular brasileira. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2020.

MORAES, Marcelo José Derzi. “Becos, ruas, marquises e esquinas”. *In*: BORGES-ROSÁRIO, Fabio, MORAES, Marcelo José Derzi, e HADDOCK-LOBO, Rafael. **Encruzilhadas filosóficas**. Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2020.

MORAES, Marcelo José Derzi. “Por uma filosofia dessa coisa de pele: uma desconstrução da colonialidade”. *In*: NOYAMA, Samon (org.). **Ginfar, filosofar, resistir: ensaios para transver o mundo**. Curitiba: CRV, 2020.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos- modos e significações**. Brasília: INCT. Universidade de Brasília- UnB, 2015.

SIMAS, Luiz Antonio e RUFINO, Luiz. **Flecha no tempo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio e RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio, RUFINO, Luiz e HADDOCK-LOBO, Rafael. **Arruaças**. Uma filosofia popular brasileira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

SIMAS, Luiz Antonio. **Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Conferência recebida para publicação em: 09 de dezembro de 2021.